

O SUBDESENVOLVIMENTO E O PROBLEMA BRASILEIRO

Manuel Correia de Andrade

I - O Brasil, com sua grande extensão territorial, apresentando dimensões quase continentais é, em consequência, formado por regiões bastante diversificadas quanto às condições naturais, à organização e ao processo evolutivo de sua economia e ainda quanto aos problemas que necessitam solução. No nosso país, conseqüentemente, o grau ou estágio de subdesenvolvimento varia de uma para outra região. Enquanto o Brasil Sudeste possui expressivo desenvolvimento industrial e oferece razoáveis condições de vida à população, o Norte está mergulhado no extrativismo e o Nordeste clama por empregos para seus filhos.

Na realidade, apesar de serem imensos os nossos problemas, temos que reconhecer que o Brasil já dispõe das condições indispensáveis para o arranco no sentido do desenvolvimento. Estamos vivendo o momento da defasagem, como diria Rostov. Mas este arranco ou defasagem está sendo retardado, e mesmo não poderá ser desfechado devido à coexistência em o nosso país de duas estruturas, uma arcaica, estática, morta, mas que recusam a sepultá-la e outra jovem, dinâmica, estuante de vida, que não conseguiu ainda suplantar inteiramente a primeira e sepultá-la.

Se estudarmos bem a realidade brasileira, procurando fazer o seu diagnóstico com o realismo e a isenção necessários aos trabalhos científicos, podemos constatar a situação anômala em que vivemos, dentre as nações do mundo moderno. A população brasileira não é excessiva para as suas dimensões territoriais, muito ao contrário, é bastante inferior a que o país poderia alimentar e no entanto somos um povo vítima da sub-nutrição.

Josué de Castro e Gilberto Freyre em seus ensaios lidos e conhecidos em quase todo o mundo, estão constantemente a salientar as condições da sub-nutrição dominantes em nosso país. Para citar apenas um exemplo recente, foi suficiente que o Governador do Estado de Pernambuco garantisse o pagamento do salário mínimo ao trabalhador da zona da Mata, para que o consumo de carne verde se elevasse na mesma, consideravelmente. Estou seguramente informado de que na pequena cidade de Vicência se abatia, semanalmente, quatro bovinos, até junho de 1963, após este mês, ao ser pago o salário mínimo, o número de bois abatidos por semana, elevou-se a 16. É que o trabalhador rural, que há dezenas de anos não podia consumir carne verde, agora pôde fazê-lo, melhorando o teor de proteínas de sua alimentação. De um modo geral, porém a população brasileira consome, por cabeça, 2000 a 2500 calorias diárias, quando o necessário seria 3600 calorias. O nosso povo é, assim, sub-alimentado, estando em condições semelhantes ao da Itália, da Turquia, da Grécia, do Chile e de vários outros países. Nós sabemos, porém, que as calorias não são equitativamente divididas entre a população, havendo naturalmente um excesso para as classes mais favorecidas que concentram as riquezas em suas mãos e um déficit para as menos favorecidas. É incrível assim que um país, com uma densidade demográfica inferior a 9 habitantes para cada quilômetro quadrado e com uma população rural que compreende 60% do total nacional, esteja sub-alimentado.

Um dos principais pontos de estagnação está em nosso sistema fundiário e no aproveitamento da terra pela agricultura. Praticamente as terras se concentram nas mãos de uma minoria. Minoria que no dizer de Yves Lacoste (1) "monopoliza inutilmente as terras que seus capitais não podem valorizar; e ela confina com a massa de camponeses possuidores de minifúndios que não permitem o emprego ótimo dos meios de trabalho; por outro lado, uma grande parte da população rural não possui terras e deve se empregar como parceiro (metayer) ou assalariado". Toynbee, o insuspeito historiador britânico, em conferências feitas em Porto Rico referentes à economia da América Latina, aponta este aspecto como um dos fatores entravantes do nosso progresso e afirma textualmente: "É por isso que a divisão dos latifúndios é o primeiro passo necessário a qualquer país latino-americano que deseja progredir econômica e socialmente" (2).

No Brasil, constatamos que cerca de 3,4% dos proprietários dispõem de 62% da área cultivada, ao passo que 51% dos agricultores controlam apenas 3,4% da terra. Dispondo de muita terra e de uma grande quantidade de braços pagos por baixos preços - pois só agora e em alguns Estados da Federação é que o salário mínimo garantido por lei ao trabalhador rural desde 1943, vem sendo pago, não teve o grande pro-

prietário interesse de melhorar tecnicamente a sua lavoura. Passa a fazê-lo por processos rotineiros, tradicionais, porque mesmo assim os rendimentos são compensadores. Sabe também que a grande lavoura de exportação de produtos para o mercado externo tem dos governos as maiores garantias e facilidades. Assim, dispõem de crédito fácil e barato nos bancos oficiais, de preços mínimos que garantem o lucro da produção, que os excedentes, como ocorre hoje com o café, serão adquiridos e estocados pelo governo, etc. O pequeno agricultor, porém, não tem, em geral, crédito bancário fácil, dependendo de empréstimos de usuários, não dispõe de assistência agrônoma e não tem garantias de preços mínimos para o seu produto, que oscila ao sabor do mercado, na dependência de intermediários e açambarcadores. Daí a baixa produtividade da grande e da pequena lavoura, a deficiência do abastecimento de nossas cidades, as baixas condições de vida do homem do campo e a reação entre os privilegiados contra qualquer política que vise a modificação deste "status quo", apesar de nos Estados Unidos todos os produtos terem garantias de preços mínimos e de na Dinamarca e na Escandinávia, rês de cooperativas cobrirem todo o território garantindo ao pequeno produtor a assistência que em nosso país só chega ao grande proprietário.

Outra característica de nosso subdesenvolvimento é o baixo rendimento médio "per capita" dos seus habitantes: 230 dólares por habitante, ano; rendimento este que, em sua maior porção, está concentrado nas mãos de uma minoria enquanto grande parte da população tem condições de vida que se aproximam da miséria dominante na Índia. René Dumont, agrônomo competente e imparcial, dá, em livro palpitante (3), depoimento seguro a este respeito depois de percorrer e pesquisar as condições de vida do trabalhador rural em dezenas de países, entre os quais se achava o Brasil, mais precisamente o Nordeste brasileiro e a Índia.

Uma das características do subdesenvolvimento é o baixo índice de industrialização. Se há países subdesenvolvidos em que a atividade industrial reduz praticamente ao artesanato como o Alto Volta, o Tchad ou a República do Níger, outros, porém, existem onde se desenvolvem as indústrias extrativas e as de primeiro beneficiamento de produtos agrícolas e minerais. No caso brasileiro, como no argentino e no mexicano, a indústria já possui um ponderável desenvolvimento. Assim, ao lado de indústrias de bens de consumo como as usinas de açúcar, as fábricas de tecidos, os curtumes e fábricas de calçados, etc., já possuímos uma série de indústrias de base, que abastecem total ou parcialmente o país, como a de beneficiamento do petróleo, a petroquímica, a siderúrgica, a de construções navais, a automobilística, a de cimento, etc. Ocorre, porém, uma tremenda concentração geográfica destas indústrias no Centro-Sul do país - Estados de São Paulo, Guanabara e Minas Gerais e o controle de grandes setores das mesmas por empresas estrangeiras que carregam para o exterior lucros fabulosos em detrimento dos interesses nacionais. Lucros que auferem beneficiando-se da mão de obra barata e da proteção aduaneira. Assim, apenas para dar um exemplo, se deixarmos de exportar as nossas divisas através de compra de automóveis, no exterior, exportamos pelo chamado mercado invisível a importância correspondente à compra destes automóveis através dos lucros obtidos pelas fábricas que se instalaram em nosso país.

II - Apesar do nosso desenvolvimento industrial vir se acelerando consideravelmente no período posterior à Segunda Guerra Mundial, não podemos deixar de reconhecer ser muito baixo o índice "per capita" de consumo de energia mecânica - 228 kw a hora por habitante, em 1959 - bastante inferior, na América Latina ao da Argentina e ao do México. Isto para não compararmos com o dos Estados Unidos e do Canadá, que ultrapassam os 5.000 kwh e dos países industrializados do Velho Mundo, sobretudo os Escandinavos, onde este índice é superior a 1.000 kwh por hab/ano. Apesar, portanto, do aproveitamento de nossas reservas de hulha branca, do aproveitamento de nossas quedas d'água é baixo o consumo de energia mecânica do país. Gremos que o aproveitamento de nossas quedas d'água como Boa Esperança, no Parnaíba e Urubupungá e Sete Quedas, no Paraná, ao lado de outros empreendimentos ora em realização e a difusão da eletrificação pelo meio rural, farão dentro em poucos anos crescer consideravelmente o consumo de energia mecânica em nosso país.

A situação de subordinação econômica é uma das que mais atingem ao Brasil, devido, sobretudo, a dois fatores: 1) somos principalmente exportadores de matérias-primas - minérios de ferro e de manganês - e de produtos agrícolas - café, cacau e algodão e vendemos a maioria dos nossos produtos a um único comprador - os Estados Unidos.

O fato de sermos vendedores de produtos primários e de termos em um deles - o café - a nossa grande fonte de divisas, nos coloca em situação difícilíssima porque os preços destes produtos no mercado internacional são manipulados ao sabor dos países industriais e estão em constante baixa enquanto os dos produtos maquinofaturados, vendidos por estes

países, sobem. Segundo o depoimento insuspeito do nosso Embaixador em Washington, o economista Roberto Campos, homem conhecido pela sua competência e pelas suas ligações nos meios conservadores do país, em recente artigo publicado na imprensa carioca (4), o preço do café - Santos, tipo 4 - caiu em quase 40% de 1953 a 1960 no mercado de New York, dando ao Brasil, neste período um prejuízo total de 2 bilhões e quatrocentos milhões de dólares. Neste mesmo período, segundo aquele abalizado economista, todos os auxílios prestados ao Brasil pelos Estados Unidos formaram um total bruto de 1 bilhão e quatrocentos milhões de dólares, havendo assim um deficit contra nós de um bilhão de dólares, "receita que, ainda segundo Roberto Campos, nos teria bastado amplamente para resolver todos os nossos problemas de balanços de pagamentos e ampliar substancialmente as taxas de importações indispensáveis ao processo de desenvolvimento econômico.

Assim, é flagrante a nossa subordinação econômica aos países que são grandes compradores de nossos produtos primários como Estados Unidos, Alemanha Ocidental, França, etc., e que em contraposição nos vendam produtos industrializados. Esta subordinação se acentua com o fato de sabermos que grandes setores de nossa economia - energia elétrica, automobilística, siderúrgica, farmacêutica, etc., se encontram em mãos e sob o controle de empresas estrangeiras, que podem remeter somas consideráveis para o exterior, de vez que não temos uma adequada legislação restringindo a exportação de capitais. Ainda encontramos o país enlaçado por estruturas arcaicas, responsáveis por vinculações de trabalho, como a "condição" e o "cambão", formas que com outras denominações são muito usadas também em outros países na América Latina, do Oriente Próximo, da África, da Índia e da Ásia do Sudeste; pela fraca penetração da classe média nos setores que orientam e norteiam a opinião pública; pelos baixos índices de alfabetização e a falta de uma orientação educacional menos livresca, menos teórica e mais formativa da adolescência, tornando o sistema educativo em uma organização que vise integrar mais fortemente o homem ao meio em que vive; pelos baixos níveis sanitários, de vez que grandes porcentagens da população se acham atacadas por moléstias endêmicas como o tracoma, a malária, a esquistossomose e os vários tipos de verminoses; a forte natalidade que provocou entre 1950 e 1960 o crescimento da população numa proporção de 3,6% ao ano e, finalmente, a tomada de consciência que se forma hoje no Brasil quando parece que o país tomou conhecimento de si mesmo, compreendendo como eram infundados os argumentos dos "porque-do-ufanistas" e os dos pessimistas.

O Brasil é um vasto país com crescimento econômico ponderável, com estruturas sociais em transformação e com problemas seríssimos que exigem rápida e adequada solução. Solução que será encontrada dentro de uma problemática a ser estudada, a ser conhecida, e que esteja apta a resolver os problemas de um país em crescimento. Solução que terá que ser dinâmica, sobretudo porque os fatos e os problemas econômico-sociais são dinâmicos e a solução não poderá ser estática, parada, sem movimento; pois significaria a permanência no subdesenvolvimento, na miséria em que estamos mergulhados e de onde procuramos sair.

- 1 - "Les Pays Sous-Développés", Presses Universitaires de France, Paris, 1959.
- 2 - "A América e a Revolução Mundial", Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1963, pág.94.
- 3 - "Terres Vivantes - Voyages d'un agronome autour du monde", Plon, Paris, 1961.
- 4 - "Oportunidade de Comércio para os Subdesenvolvidos", Suplemento do Jornal do Brasil de 17.XI.63.